

Philosophical Analysis of the Poem “The Beast,” by Manuel Bandeira

*Merivania da Silva Barros Santos¹
Argina Cláudia Pereira Sidrim²
Ginete Cavalcante Nunes³*

Abstract: This article proposes a philosophical analysis of the poem “The Beast,” by Manuel Bandeira, in light of ethical, existential, and social reflections. The literary text is taken as a starting point for a discussion about the human condition, dignity, and the dehumanization caused by social inequalities. It seeks to understand how Bandeira's poetry transcends the aesthetic field, transforming itself into a denunciation and philosophical reflection on the human being in their precariousness and vulnerability. From a philosophical perspective, this poem invites us to reflect on the boundary between the human and the inhuman, on the ethics of the gaze, and on the role of society in the face of poverty and exclusion. Authors such as Hannah Arendt, Emmanuel Levinas, and Jean-Paul Sartre offer contributions to understanding the existential and moral dimension of the scene described. Bandeira not only describes a reality but also provokes an experience of otherness—a call to awareness and responsibility in the face of the suffering of others.

Keywords: Humanism; Existence; Dignity; Inequality; Ethics.

¹ Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano- (IF Sertão PE). E-mail: santosmerivaniar@gmail.com;

² Licenciada em Biologia pela universidade Regional do Cariri (URCA). Graduação em Pedagogia pela Faculdade Aberta do Tocantins (FAT). arginaclaudia@hotmail.com;

³ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano- (IF Sertão PE). E-mail: ginetecavalcante@gmail.com.

Análise Filosófica do Poema “O Bicho”, de Manuel Bandeira

Resumo: Este artigo propõe uma análise filosófica do poema “*O Bicho*”, de Manuel Bandeira, à luz de reflexões éticas, existenciais e sociais. O texto literário é tomado como ponto de partida para uma discussão sobre a condição humana, a dignidade e a desumanização provocada pelas desigualdades sociais. Busca-se compreender como a poesia de Bandeira transcende o campo estético, transformando-se em denúncia e reflexão filosófica sobre o ser humano em sua precariedade e vulnerabilidade. Sob uma perspectiva filosófica, esse poema nos convida a refletir sobre a fronteira entre o humano e o desumano, sobre a ética do olhar e sobre o papel da sociedade diante da pobreza e da exclusão. Autores como Hannah Arendt, Emmanuel Levinas e Jean-Paul Sartre oferecem aportes para compreender a dimensão existencial e moral da cena descrita. Bandeira não apenas descreve uma realidade, mas provoca uma experiência de alteridade — um chamado à consciência e à responsabilidade diante do sofrimento do outro.

Palavras-chave: Humanismo; Existência; Dignidade; Desigualdade; Ética.

Introdução

A literatura, enquanto manifestação estética e simbólica, revela dimensões profundas da condição humana, tornando-se um espaço privilegiado de reflexão ética, social e filosófica. Em *O Bicho*, poema de Manuel Bandeira publicado na obra *Belo Belo* (1948), o autor transcende a esfera da simples descrição poética para construir uma crítica contundente à desumanização provocada pela miséria. Em poucos versos, Bandeira evidencia a degradação de um homem que, em meio à pobreza extrema, é confundido com um animal ao revirar o lixo em busca de alimento. Essa cena, embora curta, carrega uma densidade filosófica que convida o leitor a questionar o que significa, afinal, ser humano em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela indiferença.

A leitura filosófica do poema permite explorar temas universais como a dignidade, a alteridade, a ética e a existência, articulando-os a reflexões de pensadores como Hannah Arendt, Emmanuel Levinas e Jean-Paul Sartre. Arendt (1958) propõe que a perda da humanidade ocorre quando o indivíduo é privado de seus direitos básicos e de sua participação no mundo comum; Levinas (1979) entende a ética como o reconhecimento do outro, cuja vulnerabilidade impõe responsabilidade; e Sartre (1943) revela o absurdo da

existência humana diante da liberdade e das condições que a negam. Essas perspectivas filosóficas ajudam a compreender o alcance do poema, que transforma a miséria em metáfora da própria falência da civilização moderna.

O poema “*O Bicho*”, de Manuel Bandeira, publicado originalmente em *Belo Belo* (1948), é uma das mais potentes representações poéticas da degradação humana provocada pela miséria. Com apenas alguns versos, o poeta expõe uma cena cotidiana e, ao mesmo tempo, profundamente perturbadora: um homem revirando o lixo em busca de alimento, confundido, pela própria condição, com um animal.

A cena poética narrada por Bandeira, portanto, ultrapassa o âmbito individual para se tornar símbolo de uma experiência coletiva — a exclusão social. O “bicho” do poema não é apenas um homem específico, mas representa todos aqueles que são esquecidos, marginalizados e reduzidos à condição de sobreviventes. Ao evidenciar a fronteira entre humanidade e animalidade, Bandeira confronta o leitor com sua própria responsabilidade ética, questionando a naturalização da pobreza e a apatia diante da dor alheia.

Assim, este artigo tem como objetivo realizar uma análise filosófica do poema *O Bicho*, buscando compreender de que maneira a obra de Manuel Bandeira expressa uma reflexão existencial e ética sobre o ser humano, sua dignidade e sua condição no mundo contemporâneo. Para tanto, serão abordadas as dimensões existencialista, humanista e ética presentes na obra, articulando a leitura poética a um diálogo interdisciplinar entre literatura e filosofia. Entende-se que a poesia de Bandeira não apenas denuncia as mazelas sociais, mas também convida à reconstrução do olhar — um olhar que reconhece no outro o espelho da própria humanidade.

Assim, “O Bicho” é mais que uma obra literária: é uma meditação filosófica sobre a dignidade humana. Manuel Bandeira transforma a miséria em metáfora da condição existencial e ética do homem moderno. Sua poesia convoca o leitor a uma reflexão moral, desafiando-o a reconhecer a humanidade do outro onde ela parece ter sido perdida.

Ao aproximar literatura e filosofia, compreendemos que a arte tem poder de denunciar e, ao mesmo tempo, de humanizar. A filosofia de Levinas, Arendt e Sartre ajuda a iluminar o poema, mas é a palavra poética de Bandeira que desperta o que há de mais essencial: a empatia, o respeito e o compromisso com a dignidade humana.

Reflexões sobre o poema e a Condição Humana

O poema, em sua totalidade, diz:

“Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.”

A força poética de “*O Bicho*” reside em sua simplicidade e em sua inversão trágica: o homem, ser racional e moral, é reduzido a uma condição animalizada pela fome. Do ponto de vista filosófico, essa cena encarna o conceito de desumanização — a perda da dignidade intrínseca ao ser humano, provocada por condições materiais e sociais degradantes.

Para Hannah Arendt (1958), a perda da humanidade ocorre quando o indivíduo é privado de suas condições básicas de vida e de participação na esfera pública. O homem do poema é, nesse sentido, “invisível”: excluído da vida política, do trabalho digno e da convivência social. Ele é reduzido à mera sobrevivência biológica, o que aproxima sua existência da animalidade.

Ética e Alteridade: O olhar de Levinas

A reação do eu lírico — “O bicho, meu Deus, era um homem” — expressa um choque ético, um despertar da consciência. Para Emmanuel Levinas (1979), o rosto do outro impõe uma responsabilidade ética incondicional: é no encontro com o outro que o eu se reconhece como ser ético.

No poema, o “outro” — o homem que come lixo — revela a vulnerabilidade da humanidade. O espanto e a compaixão do poeta mostram que a alteridade é o início da ética.

A fome do outro denuncia a falência de uma sociedade que naturaliza o sofrimento. Assim, o poema pode ser lido como um chamado ético-político, que convida o leitor a reconhecer o outro como sujeito, não como coisa.

Existência e Desespero em Sartre

Sob a ótica existencialista, a cena descrita por Bandeira revela o absurdo da condição humana em um mundo marcado pela indiferença. Para Jean-Paul Sartre (1943), a existência precede a essência, e o homem é aquilo que faz de si mesmo. Contudo, quando a miséria e a exclusão limitam a liberdade humana, o ser é reduzido ao desespero e à inautenticidade.

O homem do poema não escolhe ser o que é; sua condição é imposta por um sistema injusto. A liberdade — princípio fundamental do existencialismo — é aqui negada. Bandeira, portanto, realiza uma crítica implícita à sociedade capitalista e à alienação humana. O homem que come lixo simboliza a falência moral e existencial de uma civilização que prioriza o lucro em detrimento da vida.

Considerações Finais

A leitura filosófica do poema *O Bicho*, de Manuel Bandeira, permite compreender como a arte pode ser um veículo privilegiado de reflexão sobre a condição humana, a dignidade e a justiça social. Em poucos versos, o autor expressa a degradação de um homem que, movido pela fome, é confundido com um animal — imagem que simboliza o colapso moral de uma sociedade que aceita a miséria como parte natural da vida. Essa representação, embora simples em sua forma, carrega uma profundidade filosófica que transcende o contexto histórico de sua criação e continua a interpelar o leitor contemporâneo.

Sob a ótica de Hannah Arendt, o poema denuncia a perda do espaço público e da visibilidade humana, revelando o quanto as desigualdades sociais produzem exclusões que negam a própria ideia de humanidade. Em diálogo com Emmanuel Levinas, a obra se converte em um apelo ético — o encontro com o outro vulnerável desperta a responsabilidade e o dever de reconhecer a alteridade. Por fim, à luz do existencialismo de Jean-Paul Sartre, o homem que come lixo encarna a negação da liberdade e a alienação provocada por uma estrutura social que limita a existência e reduz o ser humano à sobrevivência biológica.

Ao aproximar poesia e filosofia, percebe-se que *O Bicho* não apenas representa a miséria, mas questiona as bases éticas da civilização. A poesia de Bandeira, ao mesmo tempo em que denuncia, humaniza; ao mesmo tempo em que mostra a dor, reafirma a possibilidade de empatia e reflexão. Nessa fusão entre o estético e o ético, o poema torna-se um convite à responsabilidade, à solidariedade e à reconstrução do olhar sobre o outro.

Portanto, a análise de *O Bicho* confirma que a literatura é também uma forma de filosofia, uma maneira sensível e simbólica de pensar o humano. Em tempos de crescente indiferença social, revisitar a obra de Manuel Bandeira é um exercício de resistência moral: um chamado para que o pensamento e a arte mantenham viva a chama da humanidade diante das sombras da exclusão e da desumanização.

Referências

ARENDDT, Hannah. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BANDEIRA, Manuel. **O Bicho**. In: _____. **Belo Belo**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade. Lisboa: Edições 70, 1979.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2007.

Received on October 26, 2025

Accepted on November 12, 2025

Published on November 30, 2025